

MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS SERVIDORES APOSENTADOS DO IME/UFG



Bryon Richard Hall
Professor aposentado

Cidade e escola em que cursou a educação básica (ensino primário e secundário).

Montreal, Canadá. Da 7ª série ao fim de 2º grau fui bolsista em Lower Canada College. Antes, estudei em escola pública (Willingdon).

Curso de graduação.

Fiz dois anos de bacharelado em Matemática na University of Waterloo, Canadá 1970-1972. Terminei graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1981-82). Bolsa tipo PIBIC em Álgebra.

Curso de mestrado,

Mestrado foi na Universidade Federal de Goiás (UFG) (1983-85), sob orientação do professor Genésio Reis, na área de Sistemas Dinâmicos.

Curso de doutorado.

Um ano no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) (1987), mais três no Instituto Aberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE) da UFRJ (1988-90), na área de Otimização.

Ano em que ingressou no IME.

Comecei como substituto em agosto de 1983. Fiz concurso em setembro de 1985, quando eu e Ronaldo Garcia fomos contratados.

Ano em que se aposentou.

Aposentei em 01/2019, com 66 anos e 36 anos de carteira assinada (e 47 anos de emprego).

Exerceu alguma outra profissão antes de ser docente? Se sim, qual(is)?

De 1972 a 1974 no Canadá fiz várias coisas, como motorista de camionete e barco para governo provincial e trabalho na construção civil. No Brasil desde 1975, fui professor de inglês (1975-76) e de pré-vestibular (1977-1980) e trabalhei no jornal Brazilian Times (1977-78). Todos esses empregos foram no Rio de Janeiro.

SOBRE A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**Na sua trajetória de vida, em que momento escolheu a docência como profissão?**

Antes de ser professor eu realmente não tinha pensado em ser um. Achei o ensino de segundo grau repressivo e não desejava este papel. Mas desde 1975 trabalho como docente por ser a única opção aceitável. Precisei de emprego urgentemente e dar aula de inglês era a opção imediata - já que era ainda "turista" no Brasil.

Durante a graduação, já pensava em ser docente?

Durante os dois anos em Waterloo certamente não pensava. Mas me tornei docente no Brasil 1975-1980 e voltei à faculdade com o intuito de ser docente de segundo grau. Comecei licenciatura na UFRJ, me dei muito bem e ao concluir (bacharelado) e vir para Goiânia, pretendia ser professor, em princípio de segundo grau.

O que, ou quem, influenciou sua escolha por ser docente?

Sem diploma antes de 1982, ser professor de cursinho pré-vestibular foi o emprego mais agradável e bem-remunerado das opções existentes.

Onde foi sua primeira experiência profissional como docente (já na UFG ou em outra instituição)?

Curso de inglês, Ipanema, Rio de Janeiro (1975-1977). Depois era de física em pré-vestibular (faltava docentes de física, mas não de matemática). Ensinava química e inglês também em pré-vestibular.

Como foi sua primeira experiência profissional como professor do IME (dificuldades, desafios, aspectos positivos)?

Minha primeira turma como substituto, no segundo semestre 1983, foi de alunos de Engenharia Civil reprovados em Cálculo I ou II - não lembro qual. Achei bom, já dava aula há sete anos em pré-vestibular e outros e gostava de dar aula.

Apesar de ser considerado "durão", sempre tive boas relações com alunos. Tenho como amigos mesmo vários ex-alunos meus.

Na carreira docente, quais foram suas experiências profissionais mais significativas?

Orientação de teses de doutorado em resolução do Problema de Equilíbrio de Tráfego e Preservação dos Biomas. Escrever livro de Matemática em português - são poucos textos em português - também me deu satisfação.

Na carreira docente, quais foram suas experiências profissionais mais frustrantes?

A negação de licença para pós-doc no Canadá (1994-95). O Instituto de Matemática e Física (IMF) "não podia poupar meu serviço na sala de aula." Outra foi a demora na publicação do meu livro "Geometria Axiomática Plana", que entreguei no Centro Editorial e Gráfico da UFG (CEGRAF) em 2005 mas que foi publicado somente em 2015.

O que a profissão docente te oportunizou na vida?

Oportunidade de fazer o que mais gosto: estudar.

O que a profissão docente te impediu na vida?

Não sei se houve impedimento de nada. Em particular, as férias são generosas no Brasil e pude viajar bastante.

Em algum momento pensou em desistir da profissão? Se sim, por quê?

Não, nunca pensei em desistir.

Como se sentiu ao se aposentar?

Aposentei por dois motivos: primeiro, ter idade e direito de aposentar em condições privilegiadas de reter salário integral - algo que praticamente não existe fora do Brasil. Segundo, a eleição de ideólogo contra serviço público e universidades em 2018. Mas não pretendo parar de dar aula por mais outra década. Tenho mais tempo hoje para dedicar ao trabalho político (movimento negro e movimento ecológico) e de escrever meu segundo livro de geometria: "Geometria de dimensão superior: da projetiva à elíptica".

SOBRE O IME

Quais foram suas primeiras impressões sobre o IME quando ingressou na unidade acadêmica como docente?

Sempre me senti bem como docente no IMF e depois do IME. Nossa unidade tem pouco das falhas que vejo em outras áreas, com formação de grupos rivais etc - muito presente nas ciências humanas.

Como eram as instalações físicas quando você era docente no IME?

Nunca tive motivo de reclamar. A iluminação para aulas noturnas era precária no início (1998) e já me machuquei por não conseguir enxergar nada no pátio do IMF à noite! Ao mudar para o novo prédio do IME em 2012 (creio), houve melhoria, com salas individuais. Mas ficamos mais separados do resto da UFG - contato que sempre tenho mantido.

Como era a relação entre os professores que atuavam na mesma época em que você?

A relação era semelhante à atual - sempre cordial. Lembro ser da meia dúzia que NÃO fumava - ficamos em pé perto das janelas das reuniões do IMF pois 30 pessoas fumavam cigarro sentados em torno de mesona ou em sala de aula. Difícil de acreditar hoje - as coisas mudaram.

Como era sua relação com os professores que, na época, já estavam aposentados?

Sem nenhum problema. Como natural do Canadá sempre era "perdoado" comportamento fora das normas. E como natural do Canadá nunca me preocupei com o que outras pessoas pensavam.

Como era a relação entre os professores e os técnico-administrativos que atuavam na mesma época em que você?

Sempre tive relação boa com pessoal servidor. Na década de 80 eles faziam coisas que nós docentes fazemos hoje. Lembro "digitando" prova (máquina de escrever!) que um servidor (Oswaldo) reproduziria no mimeógrafo. Alguns professores tratavam os servidores como pessoas "inferiores" - comportamento "normal" da classe média tradicional. Mas isso tem mudado lentamente ao longo do tempo.

PARA FINALIZAR

O que você pensa sobre a contribuição dos professores para a organização e funcionamento do IME?

Em princípio muitos colegas têm assumido responsabilidades diversas na organização e funcionamento do IME. Nos 38 anos que eu faço parte do IME, não lembro de nenhuma reclamação séria quanto a este trabalho.

Que mensagem gostaria de deixar aos atuais professores do IME?

Tudo indica que o funcionamento do IME/UFG/INES vai mudar na próxima década - a conjuntura política nacional e internacional aponta para isso. Todos devem prestar atenção e se preparar para lutas em defesa do ensino superior que nós temos construído.

Como se sentiu ao lembrar sua trajetória profissional?

Considero que tive - e tenho ainda - o melhor emprego possível: pago um bom salário para fazer o que já fazia de graça - estudar matemática! Apesar de ter tido alguns problemas, tanto institucionais como pessoais (de saúde), não me arrependo em nenhum sentido de ter dedicado parte substancial da minha vida ao trabalho no IME.

Entrevista concedida em setembro de 2021.